

HISTÓRIA DA TRADUÇÃO BÍBLICA BRASILEIRA: O LUGAR DA “NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE”

Francinaldo de Souza Lima¹

RESUMO: Por meio de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, este trabalho² objetiva discutir a relevância da Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) da Bíblia no contexto da tradução bíblica brasileira. Especificamente, propomos situar a realização dessa tradução na História da Tradução tanto no aspecto geral quanto no Brasil. Os fundamentos teóricos e metodológicos dessa pesquisa foram: Delisle e Woodsworth (1998), Geisler e Nix (2006), Giraldi (2013) e Raupp (2015), sobre o histórico da tradução bíblica, assim como Nida (1964) e Lutero ([1530] 2006), sobre as teorias provenientes da tradução bíblica e como elas contribuíram para este projeto tradutório específico. Como resultado, identificamos que a principal influência histórica e ideológica da referida tradução são os ideais dos movimentos reformistas medievais, reforçada pelo desenvolvimento dos estudos da Crítica Textual. A NTLH é resultado de um movimento de tradução bíblica em linguagem acessível iniciado na década de 1960 no exterior e influenciou o surgimento de outros trabalhos similares nas décadas subsequentes.

PALAVRAS-CHAVE: História da Tradução; Tradução bíblica; Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

ABSTRACT: This qualitative, bibliographical and documentary paper² aims to discuss the relevance of the "Nova Tradução na Linguagem de Hoje" (New Translation in the Language of Today) in the context of the Brazilian biblical translation. Specifically, we propose to think about the positionality of this translation in the History of Translation both worldwide and in Brazil. The theoretical and methodological basis of this research are found in Delisle and Woodsworth (1998), Geisler and Nix (2006), Giraldi (2013) and Raupp (2015), on the history of biblical translation. Additionally, we refer to Nida (1964) and Luther [(1530) 2006], on the theories derived from biblical translation and how they contributed to the specific translation project analyzed. We identified that the main historical and ideological influence of the translation are the ideals of the medieval reformist movements, reinforced by the development of studies on Textual Criticism. The NTLH is the result of a movement of biblical translation that began overseas in the 1960s, influenced several similar works to the NTLH in the following decades, and focused on making the language of the Bible reader-friendly.

KEYWORDS: History of Translation; Biblical Translation; Bible in contemporary language.

Introdução

Ao observar a história da Tradução é possível notar que ela foi construída, dentre outros elementos, pela tradução de textos religiosos; incluindo a da Bíblia. Foi por meio da tradução desse texto, trabalho iniciado há mais de dois mil anos, que surgiram os primeiros métodos, modelos de crítica e pesquisas em tradução. Nesse sentido, uma das contribuições da tradução bíblica e de outros textos religiosos foi instigar discussões sobre a traduzibilidade e a intraduzibilidade de um texto. Para uns, traduzi-los era uma prestação de serviço aos homens, pois lhes daria a oportunidade de ter acesso

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – PGET/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: francinaldodesouza@gmail.com.

² Esse texto é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso do autor, intitulado *Análise da 'Nova Tradução na Linguagem de Hoje': da Bíblia à luz da Analítica da Tradução de Antoine Berman (2016), orientado pela Profa. Dra. Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega (UFCG).*

à revelação divina. Para outros, era uma verdadeira blasfêmia, pois estaria maculando o texto, comprometendo sua originalidade e autenticidade já que, segundo estes, é impossível transpor a linguagem divina à humana (GUIDÈRE, 2010). É, então, a partir de polêmicas como esta que se começa a delinear uma teoria da tradução, a qual se desenvolveu ao longo dos anos e se pluralizou, havendo hoje múltiplas perspectivas teórico-metodológicas.

Ao longo dos séculos, entre as mais variadas vertentes religiosas que usam a Bíblia (ou parte dela) como texto sagrado, a tradução bíblica tem se mostrado uma prática intensa (por sua produtividade) e diversificada (por ser realizada sob múltiplos métodos e objetivos), enfrentando diversos desafios tanto no processo quanto na recepção. Essa produção, portanto, acaba repercutindo no estreitamento dos laços entre a tradução bíblica (prática) e os estudos em tradução (teoria), o que faz da Bíblia uma obra singular e fértil nesse campo do conhecimento:

De fato, a tradução bíblica tem gerado mais dados em diversas línguas do que qualquer outra prática de tradução: é uma atividade com uma história longa, que alcança muitas pessoas nas mais diversas culturas e envolve mais tradutores de origens diferentes do que qualquer outra prática na área. Também em termos genéricos, a tradução bíblica abrange todos os campos, pois, no texto, se encontram passagens de poesia e prosa, narrativa e diálogo, parábolas e leis. (GENTZLER, 2009, p. 73).

A cada ano, o livro mais vendido de todos os tempos (GENTZLER, 2009) e o livro mais traduzido do mundo (SILVA, 2014) chega às mãos de um número maior de pessoas graças a esse trabalho, nas mais variadas formas e especialidades. Segundo dados coletados por Silva (2014), a Bíblia já foi traduzida para mais de 2800 línguas e, segundo dados do projeto Visão 2025³, ainda restam em torno de 2.300 línguas minoritárias que não possuem nenhuma tradução da Bíblia.

Assim, de nação em nação, a Bíblia tem conquistado espaço em nível mundial. Uma das consequências desse amplo alcance é que cada país onde ela está disponível certamente possui a sua própria diversidade de traduções, alguns contando com uma variedade maior, outros, com uma menor (RAUPP, 2015, p. 25).

O Brasil apresenta uma intensa produtividade na área em questão. De acordo com o levantamento histórico feito por Raupp (2015), os primeiros projetos de tradução e revisão da Bíblia realizados no país começaram a se desenvolver a partir de 1845 e 1847, quando o Pe. Joaquim Martins de Carvalho (1776-1851), conhecido como Dom Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, lançou em três volumes uma tradução comentada do Novo Testamento, a partir da *Vulgata Latina*. Desde então, até a publicação do trabalho do autor, pelo menos outros trinta e seis trabalhos tradutórios foram desenvolvidos no Brasil entre traduções e revisões (parciais e completas) em vários idiomas (RAUPP, 2015).

Dentre essas traduções, destacamos a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (doravante NTLH), produzida e publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil (doravante SBB), sob influência de

³ A Visão 2025 é um projeto de competência da Missão ALEM (Associação Linguística Evangélica Missionária), cuja meta é recrutar candidatos ao trabalho missionário transcultural, treiná-los e enviá-los as cerca de 2.300 línguas que ainda restam no mundo sem nenhum programa de tradução bíblica. Espera-se que até 2025 a Bíblia seja traduzida em todas essas línguas minoritárias.

um movimento internacional de tradução bíblica em linguagem dita contemporânea, acessível. As bases fundamentais de seu projeto tradutório foram: uso de linguagem simples e contemporânea; fuga ao literalismo; uso de frases explicativas ao invés do uso de termos teológicos; frases em ordem direta e sem intercalações (ABNB, 2013). Portanto, “evidentemente não é muito literal, mas muito útil para dizer em palavras de hoje as coisas de ontem” (KONINGS, 2009, p. 104). Essas características deixam claro que a tradução estava mais preocupada em atender às exigências da língua alvo, primando pelo sentido em prejuízo à letra, o que a configura como uma tradução bíblica em linguagem contemporânea etnocêntrica (ignora o estrangeiro) e hipertextual, que rompe com a tradição de traduções bíblicas formais (focadas na forma do texto fonte).

Dada a relevância da obra e visando contribuir para a visibilidade da história da tradução bíblica no Brasil, este trabalho tem por objetivo discutir a relevância da NTLH no contexto da tradução bíblica brasileira, situando-a no contexto histórico, tanto geral quanto nacional. Trata-se, assim, de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental que será apresentada, além dessa Introdução, em três partes: i) inicialmente, traçaremos os antecedentes históricos que culminaram na produção da NTLH; ii) em seguida, apresentaremos o histórico do processo e as características do projeto de tradução da NTLH; iii) por fim, apresentaremos as considerações finais sobre o objeto de estudo pesquisado.

Os antecedentes históricos da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*

Sabe-se que a mensagem bíblica foi transmitida primeiramente de forma oral, sendo registrada em seguida por escrito (BECKWITH, 1998), atitude atribuída a Moisés, líder dos hebreus que, segundo relato bíblico, libertou o povo da escravidão no Egito. Seus cinco livros (*Gênesis* a *Deuteronômio*) ficaram conhecidos como a Lei de Deus/de Moisés, Pentateuco (pelos cristãos) ou Torá (pelos judeus)⁴. Além desses, a Bíblia é formada pelos escritos históricos de Israel, atrelados às crônicas dos reis, aos escritos dos profetas e aos livros de cânticos e sabedoria, os quais reunidos formam o chamado Antigo Testamento (doravante AT). Esses textos em hebraico e algumas porções em aramaico foram conservados em manuscritos ou inscrições em diversos materiais (como pedra, tábuas de barro, papiro, pergaminho, óstraco e velino) e suas cópias foram feitas e conservadas sob rigoroso zelo judaico (GEISLER; NIX, 2006). Já os textos do chamado Novo Testamento (doravante NT) são registros históricos (Evangélicos e o livro dos Atos dos apóstolos, discípulos diretos de Jesus) e cartas endereçadas tanto a pessoas específicas como a igrejas; todos escritos em grego coíné.

A necessidade de que as instruções apostólicas chegassem a todas as comunidades cristãs e aos povos que não conheciam o Evangelho do Cristo levou, após uma fase de transmissão oral, à compilação de cópias desses textos. De acordo com a cronologia de Raupp (2015), a composição da Bíblia durou aproximadamente 1600 anos, desde os primeiros registros escritos por Moisés,

⁴ A fim de evitar possíveis confusões terminológicas, apesar dos sinônimos, sempre nos referiremos a estes escritos como Lei de Moisés.

aproximadamente no século XVI a.C., até à escrita do livro do *Apocalipse*, por João por volta de 90 d.C. É preciso deixar claro que não possuímos hoje os textos autógrafos de nenhum dos escritos bíblicos, ou seja, os originais não existem mais (ou ainda não foram encontrados). O que temos são as respectivas cópias manuscritas que, após criterioso exame da Crítica Textual, ciência dedicada, entre outras tarefas, à preservação e transmissão de textos antigos, levaram ao estabelecimento de um texto-padrão para as traduções de ambos os testamentos.

Os judeus foram os responsáveis pelo pontapé inicial no empreendimento da tradução bíblica. Segundo categorização de Geisler e Nix (2006), a tradução de textos religiosos judaico-cristãos se desenvolveu com o surgimento e expansão do cristianismo, processo organizado pelos autores em três grupos. A perseguição inicial do Império Romano à nova religião não só acabou favorecendo a própria disseminação da fé cristã como suscitou a necessidade de traduções para as línguas dos povos com quem os fiéis perseguidos entravam em contato. Antes das grandes reuniões de líderes da Igreja, os ditos concílios, traduções tanto em grego como em latim e aramaico de textos que hoje compõem o Novo Testamento já haviam sido produzidas, a exemplo da *Septuaginta* e da *Vetus Latina*, a mais antiga tradução do Antigo Testamento para o latim. Eis o primeiro grupo: o das chamadas traduções bíblicas antigas. Com o fim da perseguição e a institucionalização da Igreja pelo Império Romano no século IV, houve a compilação da Bíblia em si (nos moldes atuais) e, a partir de então, ao longo da Idade Média, a tradução bíblica foi ganhando cada vez mais força. A esse período correspondem a *Vulgata Latina* de Jerônimo (c. 340-420) e a tradução para o inglês feita por Wycliffe (entre 1380 e 1388); são as chamadas traduções medievais. Na sequência, com o advento da imprensa (c. 1454) e com a Reforma Protestante (1517), tem-se, então, a propagação em maior escala das traduções já existentes e a realização de novos projetos tradutórios em outros idiomas. A *Bíblia de Genebra*, cujo Novo Testamento foi traduzido por Pierre Robert Olivétain, em 1535, com edição revista e corrigida por pastores de Genebra publicada em 1669, em francês, e a *Authorized Version*, também conhecida como *Bíblia King James*, publicada em 1611, em inglês, a mando do rei James da Inglaterra representam esse período. Pertencem a essa época ainda as traduções que chegaram aos países colonizados no século XVI e XVII, como o Brasil, por exemplo; este é o terceiro grupo, o das chamadas traduções modernas.

Para os propósitos dessa pesquisa, é válido ressaltar a importância da tradução bíblica na Idade Média. Nesse período, a hegemonia da Igreja e da *Vulgata* começou a ser criticada pelos próprios membros do clero católico. Por volta do século XII levantam-se na França os valdenses, grupo de pregadores leigos liderados por Pierre Valdès, compreendendo que todos os homens deviam possuir a Bíblia em sua própria língua, devendo ser ela a autoridade final para a fé e para a vida dos fiéis e não a Tradição (ensinamentos próprios) da Igreja (CAIRNS, 2008). Em 1184, foram excomungados por sua recusa de parar de pregar e disseminar suas ideias. Com o mesmo pensamento, alguns anos mais tarde John Wycliffe (c. 1328-1384) desafiou a autoridade papal ao liderar um grupo de pregadores leigos, os lolardos, e providenciar a primeira tradução completa da Bíblia para o inglês em 1382 a partir da

Vulgata Latina. Essa atitude instigou ainda mais os movimentos reformistas dentro da Igreja Católica e influenciou outros clérigos como John Huss (c. 1373-1415) e Martinho Lutero a lutarem não só pela reforma eclesiástica, mas também pelo direito do povo ter acesso à Bíblia em linguagem vernacular, de fácil compreensão (CAIRNS, 2008).

A propósito, em Lutero encontramos o registro das primeiras reflexões sobre a tradução bíblica em linguagem contemporânea ou comum quando de sua tradução bíblica para o alemão. Ele sofreu, por isso, duras retaliações por parte dos eruditos católicos, os quais resistiram fortemente ao novo modo⁵ de traduzir. O Novo Testamento foi publicado em 1522, a partir de um texto crítico grego preparado por Erasmo de Roterdã, e o Antigo Testamento foi publicado em 1534, direto do hebraico. Embora não fosse a primeira tradução bíblica para o alemão, a versão de Lutero se distinguiu por seu modo e provocou resistência, pois

Lutero foi o primeiro tradutor da Bíblia a se preocupar não apenas com a fidelidade da tradução aos textos originais, mas também com a fidelidade à língua falada pelo povo. Embora não conhecesse os princípios linguísticos de equivalência dinâmica ou funcional, usados nas traduções modernas, ele conseguiu traduzir a Bíblia para o idioma alemão falado pelo povo alemão de seu tempo. Foi ele o precursor das traduções da Bíblia em linguagem popular ou ‘na linguagem de hoje’, feitas pelas Sociedades Bíblicas a partir da segunda metade do século XX (GIRALDI, 2013, p. 30).

Por razões linguísticas, aliadas ao seu envolvimento na Reforma Protestante em 1517 e todo o contexto social, político e religioso implicado, sua tradução foi condenada pela Igreja Católica sob a alegação de que continha erros. O trabalho de Lutero foi acusado, dentre outras coisas, de macular a mensagem bíblica na passagem de Romanos 3: 28⁶ ao acrescentar ao trecho a palavra *sola*, ou *somente*, inexistente nas versões latinas e no texto grego, mas, para ele, inferida pelo contexto e necessária para traduzir a passagem segundo o falar alemão. Esse exemplo apresenta as escolhas feitas pelo tradutor, visando adequar-se à linguagem de seus leitores e não à forma do texto de partida, como comumente se fazia até o momento. Em sua defesa, Lutero escreve uma *Carta aberta sobre a tradução* ([1530] 2006, p. 101, 103, 105) na qual expõe todo seu projeto tradutório, dizendo:

[...] Ao traduzir, esforcei-me em escrever um alemão puro e claro.
 [...] É verdade, estas quatro letras *s-o-l-a*, que as cabeças de asno admiram como as vacas a uma nova porteira, não estão no texto. Eles não veem que isso corresponde perfeitamente ao sentido do texto, e, quando se quer traduzir com clareza e consistência em alemão, deve estar presente, porque eu quis falar em alemão, não em latim nem em grego.
 [...] Aqui a palavra *allein* ajuda a palavra *kein* a produzir uma fala plena, alemã, clara. Pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas, sim, há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir; aí então eles vão perceber que se está falando em alemão com eles.

⁵ “É preciso empregar aqui o termo *modo*, uma vez que, com Lutero, não se trata de um conjunto de regras empíricas” (BERMAN, 2002, p. 61).

⁶ “Assim percebemos que a pessoa é aceita por Deus pela fê e não por fazer o que a lei manda” (BÍBLIA, 2009, p. 1143).

Como resultado do trabalho de Lutero e dos ideais da Reforma, proliferaram, então, as traduções bíblicas vernaculares, dentre as quais citamos: a de William Tyndale (1484-1536) para o inglês, em 1526, a de Pierre Olivétan (1506-1538) para o francês, em 1535, a de Casiodoro de Reina (1520-1594) para o espanhol, em 1569, a de Giovanni Diodati (1576-1649) para o italiano, em 1607, entre outras, conforme levantamento de Raupp (2015). É válido mencionar que a *Bíblia King James*, publicada em 1611, sob influência do trabalho de Tyndale (mártir da tradução bíblica), também foi uma tradução para o inglês comum, tendo desde então alcançado prestígio entre os protestantes e sendo uma obra constantemente revisada e traduzida ao redor do mundo⁷. Essas traduções foram usadas para disseminar a fé cristã a partir de então, principalmente durante as viagens missionárias protestantes do século XIX, conhecido como o século missionário dos protestantes (CAIRNS, 1998).

Além disso, a tradução bíblica com esse perfil foi impulsionada com a descoberta no fim do século XIX e no início do século XX de novos manuscritos bíblicos, mais antigos que os conhecidos até então: os Manuscritos da Sinagoga do Cairo e os Rolos do Mar Morto (GEISLER, NIX, 2006; SCHOLZ, 2008). A análise desse material deu credibilidade aos projetos de tradução bíblica em linguagem contemporânea ou acessível, pois “os milhares de papiros que foram descobertos no Egito, na virada do século 19 para o século 20, demonstraram cabalmente que o grego usado pelos autores dos livros do Novo Testamento era o grego ‘coine’ ou grego comum [...]” o que “despertou nos tradutores o desejo de produzir Novos Testamentos (e Bíblias completas) em linguagem popular” (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008, p. 55-56). Em decorrência dessa compreensão, o objetivo dos tradutores passou a ser o de (o quanto possível) impactar o leitor da tradução da mesma forma que os autores impactaram os leitores dos originais, em um nível de linguagem relativamente proporcional.

Assim motivado, Eugene Nida (1964), a partir de sua experiência como tradutor bíblico, publicou a obra *Towards a Science of Translation*, na qual sistematiza dois métodos de tradução: o de equivalência formal (foco na forma do texto fonte) e o de equivalência dinâmica (foco no sentido, acessível ao receptor). Fundamentado, então, pela Crítica Textual e pela teoria de Nida, em meio às traduções bíblicas formais que continuavam sendo feitas, e impulsionado pelas sociedades bíblicas surge um movimento de tradução bíblica com base na equivalência dinâmica, a fim de democratizar o acesso do maior número possível de pessoas à Bíblia, principalmente entre os menos escolarizados. Os primeiros trabalhos publicados foram: *Versión Popular* (1966) e *Dios Habla Hoy* (1979), em espanhol, projetos das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU) e *Good News for Modern Man: The New Testament in Today's English Version* (1966), projeto da Sociedade Bíblica Americana (SBA) e coordenado por Robert G. Bratcher (QUEIROZ, 2007; TEIXEIRA, ZIMMER, 2008).

⁷A tradução da obra em português no Brasil é realizada e divulgada pela Abba Press e pela Sociedade Bíblica Ibero-Americana do Brasil, instituições que compõem o Comitê Internacional de Tradução da Bíblia King James Atualizada para a língua portuguesa. Para maiores informações, consultar o site a seguir: <http://www.bibliakingjames.com.br/quem-somos/> (Último acesso em 05/05/2018).

Diante desse cenário, entre 9 e 14 de julho de 1966, foi realizado no Rio de Janeiro o Seminário de Tradução da Bíblia em Linguagem Corrente. Nessa época, como vimos, já havia traduções bíblicas em linguagem contemporânea em outros idiomas e, ao fim do evento, acordou-se que a Sociedade Bíblica do Brasil, financiada e tecnicamente apoiada pelas Sociedades Bíblicas Unidas, produziria uma Bíblia em português moderno. Finalmente, em 1973, é lançada a *Tradução na Linguagem de Hoje*, contendo apenas o texto do Novo Testamento. Passaram-se quinze anos para que uma versão completa nessa tradução fosse publicada (EKDAHL, 1993). Diante da boa aceitação pelo público leitor, e depois de várias sugestões das igrejas e estudiosos da Bíblia que levaram a acuradas revisões ao longo de doze anos, a SBB lançou a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, publicada em 2000, a qual foi amplamente aceita pelos cristãos e, inclusive, recomendada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil da Igreja Católica (GIRALDI, 2013).

A história da “Nova Tradução na Linguagem de Hoje”: processo e projeto tradutórios

Como vimos, permitir o acesso do povo ao texto bíblico em linguagem moderna ou comum já era uma preocupação desde os primeiros movimentos reformistas católicos na Idade Média. Os princípios gerais que nortearam essas traduções naquele tempo foram os mesmos que orientaram a tradução bíblica em português moderno a partir da década de 60, do século XX. O objetivo era, desde o princípio, fornecer aos leitores bíblicos brasileiros uma tradução “adequada ao nível educacional médio da população” com “linguagem de fácil compreensão”, expressando o sentido do texto bíblico “de maneira simples e natural, assim como a maioria da população brasileira fala” (BÍBLIA, 2009, p. 5). Essa versão, portanto, deveria ser usada para a leitura individual ou para atividades de disseminação da mensagem bíblica (evangelização), não sendo inicialmente recomendado seu uso durante os ritos litúrgicos (GIRALDI, 2013). Segundo o testemunho do Pr. Josué Xavier, um dos membros da Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, transcrito por GiralDI (2013, p. 220), o entendimento era de que “a mensagem eterna de Deus tem de atingir todas as pessoas, especialmente as mais carentes quanto ao entendimento da linguagem. A mensagem divina é que não pode ser mudada; a linguagem empregada para expressá-la deve variar desde a mais culta até a mais popular”.

No ano do supracitado Seminário de Tradução, de acordo com os dados do Anuário Estatístico do Brasil de 1967, organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tinha em torno de 84 milhões de habitantes, dos quais pouco mais de 12,6 milhões foram matriculados em todo o sistema de ensino brasileiro em 1966. Isso significa dizer que cerca de 12% da população estava recebendo algum tipo de instrução escolar ou acadêmica⁸. Como a linguagem culta e formal das traduções já existentes não era de fácil compreensão para grande parte dos leitores, propôs-se com essa

⁸ Os dados mencionados foram extraídos a partir do cruzamento de documentos sobre condições populacionais, sociais, políticas e culturais do IBGE em 1967, disponíveis no site da instituição em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais>>. Acesso em 06 de setembro de 2016.

nova tradução um texto que fosse a “expressão da Palavra de Deus na linguagem simples do povo” (BÍBLIA, 2012, p. 4). Segundo o prefácio da edição de 2000 (p. 5), esse novo projeto tradutório foi realizado

[...] em resposta a uma recomendação das igrejas, após ampla consulta junto a elas. A consulta junto às igrejas havia demonstrado um reconhecimento generalizado de que se fazia necessária uma tradução bíblica apropriada ao desafio evangelístico que a realidade espiritual brasileira impunha. Tendo como objetivo principal a evangelização do povo brasileiro, esta tradução deveria ser adequada ao nível educacional médio da população. Por isso, após anos de dedicado trabalho de especialistas nas línguas originais e na língua portuguesa, produziu-se uma tradução com linguagem de fácil compreensão.

Esse cenário constitui o que Berman (1995) chama de posição tradutiva do tradutor. As situações históricas e sociais dos anos 60 interferiram na concepção e na percepção dos tradutores envolvidos sobre o que seria feito. Havia um desejo de fazer a mensagem bíblica compreensível, de transmiti-la de forma acessível, mas era preciso entender como e o que significava traduzir nessas circunstâncias, diante desse objetivo. A equipe de tradução deparou-se com uma nação majoritariamente não escolarizada e cercada por traduções bíblicas em linguagem culto-formal, aspecto que dificultava a recepção do texto até mesmo entre os que eram letrados.

Para vencer esses obstáculos e alcançar o resultado pretendido, foram traçados alguns princípios tradutórios básicos que deveriam ser seguidos pela Comissão de Tradução quando do trabalho apenas com o Novo Testamento, mas que também foram observados por ocasião da tradução do Antigo. São eles, resumidamente (GIRALDI, 2013):

1. Tradução direta das línguas originais, segundo o método da equivalência dinâmica, com base no texto-base de Nestle buscando fidelidade ao sentido do texto original;
2. As formas e expressões linguísticas obedientes ao sistema falado do português no Brasil, sem gírias, ambiguidades ou regionalismos, com uma estrutura simples e agradável, natural e expressiva, capaz de permitir a compreensão do texto tanto a recém-alfabetizados como a universitários;
3. Preferência pela ordem direta e natural das frases e orações, evitando-se intercalá-las;
4. Substituição de palavras ou expressões de cunho teológico pouco conhecidas por frases explicativas, preferindo o ponto de vista exegético da *Almeida Revista e Atualizada*, que lhe é anterior;
5. Uso das formas de tratamento “senhor” e “você” em lugar de “vós” e “tu”.

Atrelados à posição tradutiva, eis agora o horizonte do tradutor, ou seja, “o conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor⁹” (BERMAN, 1995, p. 79). Esses princípios impõem ao mesmo tempo limites e um alvo de chegada a todo o *modus operandi* de realização da tradução. Parte dele pode ser observado no testemunho da Profa. Selma Giraldi, também integrante da Comissão de Tradução da BLH, transcrito por Giraldi (2013, p. 222). Segundo ela, dentro do limite e do alvo da tradução foi necessário ir ao

⁹ Tradução nossa. Do original: “[...]l’ensembledesparamètreslangagiers, littéraires, culturels et historiquesqui « déterminent » le sentir, l’agir et le penser d’un traducteur”.

encontro do provável leitor para que este orientasse o melhor caminho para se chegar ao objetivo proposto. Diz ela:

[...] Muitas vezes, saíamos perguntando se certa palavra era fácil de entender. Perguntávamos a pessoas na feira, à empregada na casa, aos parentes, amigos, pais, filhos... Foram muitos anos de estudos, pesquisas, revisões, exame das sugestões, incorporações e reuniões. E agora a Bíblia está pronta. Quase não podemos acreditar. É uma grande alegria pensar que esta tradução será útil aos nossos irmãos brasileiros de todas as idades e níveis culturais e que servirá a muitas gerações.

Segundo GiralDI (2013), essa Comissão de Tradução foi formada após um processo seletivo iniciado em agosto de 1966. Sob a direção do secretário de tradução das SBU, Dr. William L. Wonderley, vários candidatos de várias denominações cristãs realizaram exercícios práticos de tradução de trechos do Novo Testamento. O pastor presbiteriano Sabatini Lalii foi escolhido como tradutor de base, mas seu trabalho não foi aprovado pelos consultores das SBU, o que levou a uma nova seleção. Ao final da segunda seletiva, estabeleceu-se a Comissão de Tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* formada por: Oswaldo Alves, pastor presbiteriano, como tradutor de base; Dr. Robert G. Bratcher, consultor das SBU e tradutor do Novo Testamento para o inglês moderno, como revisor de grego e português; Dr. Paul Schelp, como segundo revisor de grego, o qual faleceu antes da publicação da tradução; e Luiz Antônio GiralDI, como revisor de linguagem e coordenador do projeto (GIRALDI, 2013). Essa comissão teve apoio de consultores de linguagem de vários estados do país a fim de evitar os regionalismos e quatro anos após o início dos trabalhos decidiu substituir o texto-padrão de Nestle pela segunda edição do *The Greek New Testament*, usado pela SBU (GIRALDI, 2013).

Salvo reações adversas de algumas igrejas pentecostais¹⁰, presbiterianas e batistas (mais conservadoras), o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foi publicado em 1974 e, de forma geral, agradou ao público leitor; inclusive à Igreja Católica que formou sua própria Comissão de Tradução para examinar a publicação, dando-lhe parecer favorável quanto ao uso por seus fiéis (GIRALDI, 2013). Esse texto passou por mais outras três edições: a segunda em 1975, a terceira em 1979 e a quarta em 1988, agregada à tradução completa da Bíblia que vinha sendo preparada concomitantemente às revisões do Novo Testamento.

Para a tradução completa da Bíblia foram formadas duas comissões de tradução; uma para cada testamento (GIRALDI, 2013). A Comissão do NT era a mesma do trabalho anterior, salvo pelos pastores Antônio de Campos Gonçalves e Josué Xavier (como revisor gramatical), substituto do então falecido Dr. Schelp. A Comissão do AT foi selecionada via exame seletivo em 1971. Foram agregados à equipe a professora Selma Júnia Vassão GiralDI, especialista em português em linguagem popular, e o pastor batista Dr. Werner Kaschel, especialista em hebraico. Os trabalhos de revisão do NT

¹⁰ Recebem o nome de pentecostais as igrejas cristãs que creem na ainda atual manifestação do Espírito Santo através dos dons espirituais, batizando os fiéis ou revestindo-os de poder espiritual, cuja evidência é o falar em línguas estranhas. Representam esse grupo denominações como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil.

começaram em janeiro de 1972 e os de tradução do AT em janeiro de 1974, sendo a obra completa publicada em 1987; mais de vinte anos depois do início dos primeiros trabalhos.

Toda a tarefa da Comissão de Tradução passou por quinze etapas para a tradução de cada livro da Bíblia, intercaladas entre trabalho individual e coletivo (GIRALDI, 2013). Inicialmente, o tradutor de base propunha uma tradução acompanhada de informações sobre o texto (notas, variantes, introdução ao livro traduzido) e de uma lista de palavras para elaboração de um dicionário. Os demais tradutores, e um revisor exegético, revisavam o texto base e propunham modificações. O tradutor de base incorporava as sugestões do grupo e, depois, cada um examinava a segunda versão, propondo novas possibilidades. Cada tradutor preparava sua agenda de trabalho com dúvidas e anotações que, em reunião, eram discutidas entre eles, conduzindo a uma terceira versão. Essa era encaminhada aos consultores externos e novamente discutiam-se as sugestões no mesmo processo anterior até que havia a elaboração do texto final e do material de apoio (mapas, introdução, legendas). O trabalho de tradução findava-se com a leitura em alta voz do texto traduzido por toda a comissão.

Como após a publicação do *Novo Testamento em Linguagem Contemporânea*, a Sociedade Bíblica do Brasil passou a receber e a examinar as críticas e sugestões à BLH. Dessa forma, em 2000, após profunda revisão de toda a Bíblia, a SBB publica a NTLH. As principais mudanças foram quanto a revisão linguística do português, adequando-o ao registro moderno do final do século XX e a simplificação estruturas linguísticas ainda complexas, quanto a revisão dos Salmos, a fim de manter o caráter poético do texto, e a mudança da designação do nome de Deus no Antigo Testamento de “(Deus) Eterno” para as formas clássicas “Senhor (Deus)” da versão *Almeida Revista e Atualizada*. Compuseram a Comissão de Tradução quatro membros do trabalho anterior (Dr. Robert Bratcher, Dr. Werner Kaschel, a Profa. Selma Giraldi e o Pr. Josué Xavier) auxiliados pelos pastores luteranos Dr. Rudi Zimmer e Dr. Vilson Scholz.

Em fevereiro de 2005, a SBB lançou juntamente com a Editora Paulinas (de cunho católico) uma versão ecumênica da NTLH autorizada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) da Igreja Católica. Na *NTLH-Paulinas* estão contidos os livros chamados de deutero-canônicos (reconhecidos como canônicos pelos católicos e não pelos protestantes): Tobias, Judite 1 e 2 Macabeus, Eclesiástico, Sabedoria, Baruc e acréscimos em Esther e Daniel (RAUPP, 2015). Na Apresentação à obra, Dom Eugênio Rixen, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, expressa a intenção de que a obra permita um estreitamento de laços entre as igrejas cristãs e seja usada na propagação da Bíblia entre os fiéis:

Ao recomendar esta edição aos fiéis católicos, desejamos que as Sagradas Escrituras sejam fonte de vida, de comunhão entre os cristãos, alimentem nossa vida de oração e favoreçam o diálogo entre as Igrejas cristãs.

Parabenizamos a Paulinas Editora pela publicação da “Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje”. Apreciamos o esforço de traduzir a Sagrada Escritura em linguagem atual, acessível ao leitor contemporâneo e a sua cultura. (BÍBLIA, 2005, Apresentação)

Em termos de recepção da tradução, historicamente a NTLH (seja a versão da SBB ou a da Editora Paulinas) tem sido acolhida com louvor e com críticas negativas. A título de exemplificação,

para Dom Estevão Bettencourt (2006, p. 7) a NTLH (nesse caso, a versão da Paulinas, mas aplica-se a da SBB) é uma “obra infeliz” por, na verdade, tratar-se de uma interpretação parafrástica e não de uma tradução. Ele acusa a obra de ser tendenciosamente protestante e impedir o crescimento do leitor em cultura e linguagem bíblica. Para ele,

A solução para o problema da difusão da Bíblia está, antes, em conservar o vocabulário típico e rico do texto sagrado, munindo-o, porém, de notas explicativas em rodapé a fim de que o leitor não iniciado cresça em cultura bíblica, em vez de ser deixado na sua exígua cultura, com empobrecimento da mensagem sagrada. (BETTENCOURT, 2006, p. 7)

Por outro lado, outros como Rosaria Alves Ribeiro de Oliveira, pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular do Jardim Elisa Maria em São Paulo-SP, a linguagem da NTLH é útil para desenvolver trabalhos de cunho religioso com um público específico, agindo como elemento de iniciação ao conhecimento bíblico, a depender da vontade do leitor: “Trabalhamos junto a crianças e adolescentes exclusivamente com a NTLH. Algumas pessoas acham que deveríamos usar textos mais tradicionais. Eu acredito que, quando esses jovens estiverem prontos, eles mesmos vão buscar aprofundamento” (ABNB, 2013, p. 19).

Essas são, portanto, algumas das reações ao projeto tradutório inovador proposto pelos idealizadores e tradutores da NTLH. De forma mais concreta, exemplificamos, a seguir, o que foi dito até aqui sobre a referida tradução, apresentando algumas evidências linguísticas extraídas de versículos da passagem de *Romanos 5*. Dentre as estratégias tradutórias identificadas, destacamos a preocupação da NTLH com a clareza do texto. Lembremo-nos de que, como exposto na Introdução, um dos princípios de tradução era a preferência por frases explicativas e que seguissem a ordem direta, favorecendo a compreensão do sentido do texto e a fluência da leitura. Visando atender a ele, no excerto abaixo, a tradução traz à lume algo que não é evidente no texto-fonte revelando sentidos implícitos:

Tabela 1: Clarificação em Romanos 5: 9

Texto-fonte em grego	(9) πολλῶν ἁλλοδικαίων ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ σωθήσόμεθα δι' αὐτοῦ ἀπὸ τῆς ὀργῆς.
Tradução livre	(9) Portanto, muito mais, (depois de) justificados agora <u>pelo sangue</u> dele, seremos salvos através dele para fora/longe da ira.
Texto da NTLH	(9) E, agora que fomos aceitos por Deus <u>por meio da morte de Cristo na cruz</u> , é mais certo ainda que ficaremos livres, por meio dele, do castigo de Deus.

Ao mencionar o sangue, o texto grego implicitamente faz referência à morte já mencionada anteriormente pela alusão a um sacrifício no capítulo 3, versículo 25, no trecho: “[...] ἱλαστήριον διὰ τῆς πίστεως ἐν τῷ αὐτοῦ αἵματι [...]”, literalmente: “um sacrifício propiciatório/propiciação mediante a fé em o seu/dele sangue” (GOMES; OLIVETTI, 2015, p. 593). Esse sacrifício retoma a imagem dos ritos judaicos que envolviam a morte de animais e o

derramamento do sangue deles como oferta a Deus para obter perdão pelos pecados. Também encontramos a referência presente ao mencionar a ressurreição no último versículo do capítulo 4 no trecho: “[...]καὶ ἠγέρθη διὰ τὴν δικαίωσιν ἡμῶν”, literalmente: “e ressuscitou/levantou por causa de as transgressões nossas” (GOMES; OLIVETTI, 2015, p. 597). Ora, só pode ressuscitar quem já morreu. No entanto, a Comissão de Tradução da NTLH optou por deixar claro a ideia escondida por trás do vocábulo “sangue”, esclarecendo que a aceitação dos pecadores foi providenciada pela “morte de Cristo na cruz”. As ideias do texto-fonte e da tradução estão imbricadas e de forma alguma uma ou outra escolha prejudicaria o sentido da passagem. O que está em pauta é o aspecto sacrificial da mensagem (CRANFIELD, 2005), o qual é plenamente mantido pela tradução nesse versículo e nas referências citadas.

Por ocasião ainda deste versículo, atentemos para a forma esclarecedora da tradução no trecho: “E, agora que fomos aceitos por Deus por meio da morte de Cristo na cruz [...]”. Observando o conjunto, notamos aqui uma tendência de clarificação do texto de forma parafrásica. Anteriormente vistos em separado, mas, agora, em conjunto, a tradução de dois vocábulos gregos nas orações “fomos aceitos por Deus” e “por meio da morte de Cristo na cruz” torna-se uma paráfrase da idéia do texto grego. É em casos como esse que entendemos o que significa para o tradutor deixar o leitor o mais tranquilo possível e trazer o autor estrangeiro até ele em sua própria língua materna, como diria Schleiermacher ([1813], 2010), sem que se “sinta” o texto como tradução (BERMAN, 2013). O mesmo acontece com o versículo 17, no qual o sentido de “abundância”, “graça/favor da justiça” e “dívida/presente da justiça” foram clarificados através de orações explicativas ou paráfrases dos termos:

Tabela 2: Tradução parafrásica em 5: 17

Texto-fonte em grego	(17) εἰγάρτω τοῦ ἐνός παραπτώματι ὁ θάνατος ἐβασίλευσεν διὰ τοῦ ἐνός, πολλῶ μᾶλλον οἱ τὴν περισσεῖαν τῆς χάριτος καὶ τῆς δωρεᾶς τῆς δικαιοσύνης λαμβάνοντες ἐν ζωῇ βασιλεύσουσιν διὰ τοῦ ἐνός Ἰησοῦ Χριστοῦ.
Tradução livre	(17) Se pois por única transgressão a morte reinou por causa de único (homem), muito mais <u>pela abundância da graça/do favor e da dívida/do presente da justiça</u> recebendo/enquanto recebeu em vida reinará por meio de único (homem) Jesus Cristo.
Texto da NTLH	(17) É verdade que, por causa de um só homem e por meio do seu pecado, a morte começou a dominar a raça humana. <u>Mas o resultado do que foi feito por um só homem, Jesus Cristo, é muito maior!</u> E todos <u>aqueles que Deus aceita</u> e que <u>recebem como presente</u> a sua imensa graça reinarão a nova vida, por meio de Cristo.

Nesse versículo, a NTLH esclarece que o “τῆς χάριτος”, ou “da graça/do favor” como sendo referente à ação realizada por Jesus a qual é “muito maior”, expressão correspondente a “τὴν περισσεῖαν, ou “abundância”. Inclusive, há uma repetição da estrutura oracional em uma nova tradução do termo “τῆς χάριτος”, agora pela ideia de “aceitação” seguida do sintagma “recebem como

presente”, tradução de “τῆς δωρεᾶς”, ou “dádiva/presente”. Recorrer a essas escolhas auxilia a tornar o termo mais claro ou a mensagem mais natural, ainda que resulte no aumento da massa bruta do texto.

Em outra análise da tradução da NTLH, Lima e Pinheiro-Mariz (2016) identificaram que há, quanto à forma, uma preferência pela disposição do texto em prosa, preferindo-se optar por blocos de textos (parágrafos), devidamente pontuados e interligados por conectivos lógicos, à tradicional disposição por versículos separados entre si, visando contribuir para facilitar a linguagem e o encadeamento das ideias do texto. Os autores identificaram também que linearizar o discurso e alterar a ordem dos versículos são algumas das estratégias utilizadas, ainda que apaguem as marcas estilísticas próprias do autor do texto (LIMA; PINHEIRO-MARIZ, 2016). Quanto ao conteúdo, notou-se que a inversão da ordem do discurso e o uso de paráfrases acabam promovendo uma linguagem fluida, mas podem causar perdas de material linguístico ou até mesmo suavizar a mensagem original (LIMA; PINHEIRO-MARIZ, 2016). Entretanto, para os autores

A NTLH cumpre com os propósitos aos quais ela se propõe, não sendo nem boa nem ruim, mas útil ao público alvo a que se destina. Embora existam perdas de forma e, conseqüentemente, de conteúdo, por certo, não comprometem o alcance ao objetivo da nova versão, a qual se presta a promover a compreensão do texto bíblico em um primeiro contato de leitores menos ‘versados’ na leitura bíblica. (LIMA; PINHEIRO-MARIZ, 2016, p. 45).

Discussões sobre a validade ou funcionalidade dos princípios e escolhas tradutórias utilizadas na tradução das versões da NTLH estão além dos objetivos desse trabalho. Para maiores detalhes, recomendamos consultar o trabalho de Queiroz (2007), Lima e Pinheiro-Mariz (2016) e Lima (2016). Independente dessas discussões, a NTLH afirma-se no cenário de tradução bíblica brasileira como a pioneira das bíblias em linguagem contemporânea ou acessíveis, cuja repercussão certamente influenciou o desenvolvimento de outras traduções de mesmo perfil a partir dela, como a [Nova] Bíblia Pastoral (1990, 2014) e a Nova Versão Transformadora (2016).

Considerações finais

Ao longo dos anos, por causa da evolução da língua portuguesa e também do surgimento de novos materiais e estudos a serviço da Crítica Textual, muitas traduções precisaram ser revisadas, corrigidas e terem suas linguagens atualizadas. Por exemplo, a própria tradução de Almeida conta atualmente com uma versão intitulada *Almeida Século XXI*, cujo título aponta para uma modernização da linguagem, embora mantenha sua ligação com o estilo tradicional e consagrado de Almeida. Afinal, conforme explicam Teixeira e Zimmer (2008), a evolução das línguas, somado ao aprimoramento dos textos-fonte e ao avanço das chamadas Ciências Bíblicas, é uma das principais razões para a realização de uma revisão ou nova tradução.

Diante do apanhado histórico que fizemos, percebemos também, de forma clara, que permitir ao leitor compreender a Bíblia em seu idioma e em seu registro linguístico cotidiano é uma preocupação antiga, desde a Idade Média, principalmente sob influência dos ideais da Reforma Protestante. Vimosquão intensa é a tradução da Bíblia, iniciando-se antes mesmo de nossa era e

intensificando-se e difundindo-se ao longo dela. Diante de tanto trabalho, sob vários métodos e objetivos diferentes, acabou provocando reflexões teóricas no campo dos Estudos da Tradução ou foi por elas também afetada. Recentemente, alguns projetos de tradução bíblica têm se preocupado em atualizar a linguagem de suas versões, empreendendo novos esforços para publicar bíblias em linguagem contemporânea ou comum. Tais ações vêm garantindo, assim, que o texto bíblico, outrora em linguagem culta e/ou desatualizada, se torne mais acessível a um número maior de leitores.

A relevância da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se dá, assim, por se a primeira representante nacional desse tipo de tradução bíblica. Ao seguir o método da equivalência dinâmica, favorecer a democratização ao acesso à Bíblia e, por meio da linguagem facilitada, a didatização da mensagem ao maior número possível de pessoas, a NTLH, apesar das críticas quanto às escolhas tradutórias, se consagra como uma tradução bíblica nacional transgressora, representando ideais da causa bíblica que perpassam séculos e abrindo espaço para a realização de trabalhos similares no Brasil. Por essa razão, defendemos e sugerimos, por fim, o acompanhamento desse movimento singular envolvendo uma obra tão importante na área dos Estudos da Tradução.

Referências

A BÍBLIA NO BRASIL. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*: 40 anos de história. Ed. 240. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BECKWITH, R. T. O cânon do Antigo Testamento. In: COMFORT, P. W. *A origem da Bíblia*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998, p. 69-83.

BERMAN, A. *Pour une critique des traductions*: John Donne. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *A prova do estrangeiro*: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BETTENCOURT, E. A Bíblia na Linguagem de Hoje. *Revista Pergunte e Responderemos*, n. 523. Rio de Janeiro, jan. 2006, p. 7-15.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

_____. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

_____. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

_____. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos*: uma história da igreja cristã. Tradução de Israel Belo de Azevedo e Valdemar Kroker. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

EKDAHL, E. M. *Versões da Bíblia*: por que tantas diferenças?. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GEISLER, N.; NIX, W. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. 2ª ed. São Paulo: Editora Madras, 2009.

GIRALDI, L. A. *História da Bíblia no Brasil*. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GUIDÈRE, M. *Introduction à la traductologie : penser la traduction : hier, aujourd'hui, demain*. 2^{ème} ed. Bruxelles :Groupe De Boeck, 2010.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas do século XX: populacionais, sociais, políticas e culturais*. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais>>. Acesso em 06 de setembro de 2016.

KONINGS, J. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. In: GOHN, C.; NASCIMENTO, L. *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 103-125.

LIMA, F. S. *Análise da “Nova Tradução na Linguagem de Hoje” da Bíblia à luz da Analítica da Tradução de Antoine Berman*. Monografia apresentada ao curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa da Universidade Federal de Campina Grande. UAL: 2016.

_____; PINHEIRO-MARIZ, J. *Ponderações sobre a tradução bíblica para linguagem contemporânea*. Revista UNIABEU, v. 9, n. 21, 2016, p. 32-46.

LUTERO, M. Carta aberta sobre a tradução. Tradução de Mauri Furlan. In: FURLAN, M. (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue*. Vol. 4: Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006, p. 91-115.

NIDA, E. E. *Toward A Science of Translating*. Leiden: Brill, 1964.

QUEIROZ, M. M. R. *Do plurilinguismo em Babel ao ecumenismo na tradução bíblica: o caso da versão católica da Bíblia Sagrada – Nova Versão na Linguagem de Hoje*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio. Rio de Janeiro: 2007.

RAUPP, M. *A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

SILVA, S. P. *A Bíblia: o livro de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

SCHOLZ, V. A transmissão do texto bíblico. In: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Manual do Fórum de Ciências Bíblicas*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 27-39.

TEIXEIRA, P.; ZIMMER, R. Traduções da Bíblia: história, princípios e influência. In: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Manual do Fórum de Ciências Bíblicas*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 41-70.